

Orlandi, Eni Puccinelli.
As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.
4^ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.
(Coleção Repertórios)

*Edna Maria Goulart Joazeiro**

Resenha: A presente obra oferece uma importante contribuição para o estudo do silêncio e tem como fio condutor a apresentação dos sentidos do silêncio e o seu significado. O desafio desse trabalho, segundo Orlandi, foi tomar o silêncio como objeto de reflexão e se colocar na relação do dizível com o indizível.

Nesse estudo, o silêncio é visto como fator essencial, como a própria condição do significar, há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido. A autora, no decorrer do texto, busca livrar o silêncio do sentido “passivo” e “negativo” que foi atribuído pelas formas sociais da nossa cultura e também ligar o não dizer à história e à ideologia. Entende que há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem, uma vez que, todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer. Nesta perspectiva, há a apreensão e o apreciar da errância dos sentidos, da vontade da unidade e do sentido fixo, do lugar da incompletude, do equívoco, dos muitos sentidos e do não apreensível.

O silêncio, segundo Orlandi, é disperso e contínuo e é essa continuidade que permite ao sujeito se mover nas significações e percorrer sentidos. O silêncio tem significância própria, ele é o próprio significado, não é apenas um complemento de linguagem, nem é diretamente observável. O silêncio é sentido pois “ele está lá”, se analisado sob o ponto de vista da percepção. A autora atribui ao silêncio o cerne do funcionamento, do movimento e do estabelecimento de uma relação incerta entre mudança e permanência. Conforme seu pensamento, o silêncio fundamenta o movimento da interpretação à medida que nos instala na origem de nós mesmos e de nossos sentidos. Ele não é o nada ou o vazio, uma vez que quando não falamos não estamos mudos porque, neste momento, está presente o pensamento, a introspecção e a contemplação.

O silêncio, para a autora, é fundante e fundador. Fundante porque é estruturante pelo avesso, ele vem primeiro, depois vêm as palavras. As palavras são múltiplas e o silêncio também. Assim sendo, o estudo propõe a inversão da posição que é dada pelo senso comum e sustentada pela ciência, na qual a linguagem aparece como “figura” e o silêncio como “fundo”. É o silêncio que é “figura”, visto que a palavra se imprime no contínuo significante do silêncio e o marca, segmenta e estabelece um ritmo no significar marcado pelo movimento entre silêncio e linguagem.

* Mestranda - Faculdade de Educação (GEMTCE), UNICAMP.

Orlandi define o falar como sendo o ato de separar e distinguir que implica o movimento paradoxal de vislumbrar o silêncio e de evitá-lo. Já a linguagem estabiliza o movimento dos sentidos, enquanto que no silêncio ocorre o movimento contrário, no qual está presente a idéia de movimento do sentido e do sujeito.

A linguagem supõe a transformação do silêncio, matéria significativa por excelência, em significados apreensíveis e verbalizáveis. Ela se constitui num meio para tornar gregário, unificar e permitir o intercâmbio do sentido e dos sujeitos. A identidade produzida pela nossa relação com a linguagem nos torna visíveis e intercambiáveis. Entretanto, não se pode apreender o funcionamento da linguagem sem compreender o estatuto particular do silêncio nos processos de significação, uma vez que é a possibilidade do silêncio que permite ao sujeito manter sua identidade.

A autora, ao situar o silêncio como fundador, está afirmando o seu caráter necessário e próprio, o que não significa “originário”, nem o lugar do sentido absoluto, nem um sentido independente, auto-suficiente ou preexistente. O silêncio é a capacidade do sujeito trabalhar sua contradição constitutiva, sua relação com o “outro”. É ele que o faz se situar na relação do “um” com o “múltiplo”. Sob esta perspectiva, seria possível entendê-lo como o não dito que é história, à medida que estabelece a relação do sentido com o imaginário, com a língua e com a ideologia. Deste modo, é possível falar sobre os efeitos de sentido uma vez que o que está em jogo é a relação de diferentes formações discursivas com diferentes sentidos.

Neste livro e em outros, a autora afirma que a pluralidade da linguagem é decorrência da incompletude do sentido e do sujeito, sendo que o incompleto é o possível. Ela trabalha com a idéia de que o sujeito é itinerante e que ele perpassa e é perpassado pela diferença; habita e é habitado por muitos discursos e por muitas formações discursivas. O discurso é visto não como fala, entendida enquanto uma forma individual concreta de habitar a abstração da língua. O discurso está duplamente determinado pelas formações ideológicas e pela autonomia relativa da língua.

Ao analisar nosso contexto histórico social, a autora afirma que nosso imaginário social delegou um lugar subalterno para o silêncio, pois há hoje uma ideologia da comunicação com o apagamento do silêncio. A insistência do homem para que se rompa o silêncio se constitui numa forma de controle e de disciplina que objetiva fazer o silêncio falar ou calar o sujeito. Vivemos uma época na qual o homem em silêncio é visto como um homem sem sentido. É acentuado que há uma progressão histórica do silêncio para a verbalização e que, a partir do século XIX se acelerou a produção de linguagens e a contenção do silêncio.

Esta contenção do silêncio leva o sujeito a abrir mão da significação e a preencher o silêncio com palavras criando a idéia de silêncio como falta. Assim sendo, as palavras se desdobram indefinidamente em mais palavras. Ao se negar a relação fundamental com o silêncio, o sujeito é levado a apagar mediações básicas que remetem em abrir mão do risco da significação. Todavia, conforme destacado, o silêncio mediando as relações entre pensamento, linguagem e mundo tem resistido à pressão exercida pela urgência da linguagem, o que tem assegurado que se continue a significar de outras e de muitas maneiras.